



As forças cerebrais do ser humano sempre estiveram presentes desde o surgimento da espécie. Do ponto de vista anatômico, a estrutura do cérebro humano permanece essencialmente a mesma até hoje, com conexões e áreas dominantes influenciando nossas decisões. A principal diferença está no ecossistema de cada época, onde recursos disponíveis sempre foram predominantes nas questões comportamentais e sociais.

Nos primórdios, digo, na pré-história, o consumo se relacionava com a questão da sobrevivência. Os impulsos eram direcionados quase exclusivamente à preservação da espécie no curto prazo. Não era uma questão de ter recompensas futuras, pois não havia tal dimensão do tempo, e sim, diante da escassez, uma caça bem-sucedida era o suficiente para obter o prazer através da satisfação alimentar bem como o reconhecimento do bando.

A dimensão do tempo era abstrata tendo o cíclico e o prático como direcionadores. As estações do ano eram um condutor da própria natureza, um estímulo para entender a migração de animais e a respectiva caça. A construção de ferramentas em benefício próprio, a qual demandava tempo, também poderia ser considerado como um processo de planejamento de médio prazo, renunciando parte do seu descanso.

Com o ciclo de vida curto, o longo prazo era associado à continuidade da espécie, algo naturalmente praticado, porém, sem qualquer tipo de planejamento estruturado.

Assim, estima-se rituais e técnicas de sobrevivência eram passados de pais para filhos para proteger o grupo no futuro, utilizando-se da imitação prática, uma vez que a escrita não era um recurso disponível.

Em resumo, nos primórdios, o ecossistema da época exigia que o cérebro focasse a maior parte de sua atenção no curto prazo. A dopamina e gratificação instantânea atuavam como impulsos para a busca por recompensa, bem como a prevenção dos perigos, garantindo recursos antes que eles faltassem e o reconhecimento do grupo pertencente.

O ecossistema e a evolução do homem sempre se convergiram na linha do tempo, mas o fato é que o homem moderno vive uma dinâmica mais complexa.

Acelerado, moldado pela tecnologia e com disponibilidade ampla de recursos, ele enfrenta novos desafios em seus indutores do comportamento e suas prioridades. É tangível e interessante observar o quanto a evolução do ecossistema impactou nas decisões, mas sem alterar substancialmente na sua essência.

O homem moderno continua fortemente influenciado pela busca por gratificação imediata, agora potencializada pela ampla oferta de recursos disponíveis. Sua identidade frequentemente se manifesta por meio do consumo, em que a utilidade do bem material nem sempre é o principal fator de decisão. Muitas vezes, o status e a imagem pessoal associados a determinado estilo de vida tornam-se elementos centrais para o reconhecimento social. Esse comportamento reflete padrões já observados no passado, mas é intensificado pela obsolescência, que estimula a renovação constante. Nesse contexto, a demonstração de sucesso material perante o círculo social, por vezes, passa a ter mais relevância do que o valor intrínseco do próprio bem.

Vale destacar também outros aspectos relevantes do ecossistema atual que vêm contribuindo positivamente para nossas decisões. Hoje, somos mais conscientes em relação à sustentabilidade e padrões éticos com impacto em nossas escolhas e presentes no cotidiano, incentivando uma visão de longo prazo. Esse movimento demonstra, mais uma vez, nossa capacidade de adaptação e reforça o desejo de construir um legado para as gerações futuras, característica que guarda semelhanças com comportamentos observados ao longo da história.

O objetivo deste artigo não é apresentar uma metodologia ou fórmula definitiva para equilibrar as decisões de consumo. A proposta é, de forma simples, refletir sobre as semelhanças entre os padrões de consumo do passado e os do presente, utilizando essa análise como ponto de partida para discutir a importância da Previdência Privada no contexto do planejamento de longo prazo.

Como é amplamente reconhecido, um dos grandes desafios enfrentados pelos governos é a manutenção de sistemas previdenciários sustentáveis. Nesse contexto, o envelhecimento da população, aliado à queda das taxas de natalidade, que hoje são significativamente inferiores às observadas em décadas passadas, exerce forte pressão sobre esses modelos, comprometendo sua sustentabilidade no longo prazo.

São diversos os fatores que influenciam a sustentabilidade do atual modelo previdenciário. Embora existam inúmeras evidências e exemplos amplamente documentados sobre esse tema, a análise dos hábitos, costumes e comportamentos da sociedade abordados neste material nos leva a conclusões preliminares, porém, convergentes. Essas semelhanças revelam padrões de comportamento que ajudam a compreender os desafios relacionados ao planejamento e à construção de uma visão de longo prazo.

Embora os modelos se adaptem ao ecossistema de cada época, o prazer proporcionado pelo consumo imediato continua predominante e representa um ponto cego à formação de poupança de longo prazo. É fato que fatores culturais e econômicos influenciam a propensão ao consumo em diferentes países. Ainda assim, o desafio permanece o mesmo: fortalecer, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, a **capacitação** de planejar e priorizar o futuro.

Como amplamente debatido em diversos fóruns, a convergência desses fatos e exemplos reforça a importância da educação financeira voltada para o longo prazo, desde sua inclusão no ambiente escolar até a fase adulta. Nesse contexto, a responsabilidade individual e coletiva deve integrar uma jornada contínua de conscientização, aprendizado e prática, capaz de desenvolver hábitos

mais sustentáveis e contribuir para a mitigação desse desafio.

Não podemos permitir que o sistema límbico e o córtex pré-frontal atuem sem o devido desenvolvimento. Precisamos fortalecê-los por meio da educação, da conscientização e de experiências práticas e lúdicas, que estimulem escolhas mais equilibradas entre o presente e o futuro. Afinal, investir neste desenvolvimento é promover o bem-estar sustentável e, respectivamente, em uma sociedade mais preparada para este desafio. A Previdência agradece!

Legenda:

Sistema Límbico (O Cérebro Emocional) - O curto prazo é dominado pelas estruturas profundas do cérebro.

Córtex Pré-Frontal (O Cérebro Racional) - O longo prazo é gerenciado pelo **córtex pré-frontal (CPF)**, a parte mais moderna do cérebro humano

**Roberto Chateaubriand Filho é CEO da Itajubá Administração Previdenciária*

Fonte: Abrapp em Foco, em 03.09.2026